

Comunicação, Memória e Alteridade: o Caráter Antropófago no Movimento Religioso do Santo Daime¹

Fernanda Carlos Borges²

Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUCSP

Resumo

Ao que Oswald de Andrade chamou Cultura Messiânica corresponde um modo de comunicação apoiado na persuasão: uma verdade alcançada deve ser transmitida àqueles que a ignoram - é exclusiva. Diferente desta, a Cultura Antropófaga tem na alteridade o fundamento da sua comunicação - é inclusiva. Oswald acredita que o sentimento religioso não pode ser eliminado da vida humana, mas não precisa vestir a roupa do messianismo. No Brasil religioso, o movimento Santo Daime parece andar na contra mão das religiões exclusivas e persuasivas, correspondendo a alguns aspectos do movimento antropófago proposto por Oswald de Andrade, agregando pessoas através do efeito de uma bebida herdada dos índios - a ahuasca - em rituais que incorporam as diversas mitologias existentes no Brasil, envolvendo memória e assimilação da novidade.

Palavras-chave

Antropofagia – persuasão – alteridade – natureza – cultura

Corpo do trabalho

Ao que Oswald de Andrade chamou cultura messiânica corresponde um modo de comunicação apoiado na persuasão. A persuasão pressupõe um conhecimento oculto que pode ser descoberto, com o qual se deve resistir aos enganos e que tem o poder de corrigir a vida. A cultura messiânica acaba por desenvolver um movimento com base na expansão e na exclusão. O movimento persuasivo envolve os meios de comunicação, como TV e rádio.

Este modo de compreender o agir pressupõe que o comportamento inteligente deve ser antecedido por um conhecimento que o justifique. Henry Atlan sugere que o

¹ Trabalho apresentado ao NP 17 – Folkcomunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

conhecimento prévio tem por base não uma verdade estável transcendente à variabilidade do mundo, como queria o messianismo, mas a memória. Esta é ligada ao já vivido, portanto, à experiência e ao passado. Sugere, então, que a memória desenvolve parâmetros e estabilidade, mas não pode sozinha resolver o momento, desde que o momento esteja envolvido com a emergência de novidade

“a auto-organização inconsciente (...) deve ser considerada como o fenômeno primordial nos mecanismos do querer, voltados para o futuro, ao passo que a memória deve ser situada no centro dos fenômenos da consciência (...) a consciência diz respeito, antes da mais nada, ao passado”. (ATLAN. 1992, pg.118)

Assim, podemos compreender Oswald, quando diz que “contra a memória fonte de costume. A experiência pessoal renovada” (ANDRADE. 1995, pg.51). A religiosidade da cultura messiânica tem como característica um percurso linear determinado pela luta final entre o Bem e o Mal, onde o bem corresponde a parâmetros fixos e estáveis, que devem conduzir o agir, ameaçado constantemente pela instabilidade e confusão provocadas pelo mal.

As religiões dualistas (...) postulam um deus que é independente, poderoso e bom, mas cujo poder é limitado por outro princípio, força ou vazio. O dualismo do zoroastrismo, ou do maniqueísmo, é franco; o do judaísmo e cristianismo é muito mais disfarçado, mas existe(...) O princípio do mal, embora possa não ter origem, nem começo, tem um fim, e no fim todas as esperanças, tanto para o cosmos como para o pequeno cosmos, que é o homem, serão realizadas. (RUSSEL. 1991, pg.86)

O Mal, no messianismo, deve ser combatido e eliminado. O conflito entre o Bem e o Mal, para cada indivíduo, deve ser resolvido através da resistência aos enganos do mal, e adesão aos propósitos do bem. Esta divisão entre o bem e o mal, permitiu a concepção de que a verdade propiciada pelo bem deve ser alcançada e transmitida àqueles que a ignoram, eliminando o mal. Então, consiste numa visão de mundo exclusiva.

Diferente desta, a cultura antropófaga tem na alteridade o fundamento da sua comunicação. O mal não é compreendido como oposição ao bem, tampouco como uma

² Professora de Folclore e Ética na Arte na FAAP – SP. Professora de Filosofia na Escola de Teatro Ewerton de Castro. Graduada em Filosofia pela PUCRS, e mestre em filosofia e sociologia do corpo pela UNESP - e mail: nandacarlos@uol.com.br

insuficiência de bem. O inimigo é o outro ao qual se deve resistir e assimilar, pois o antropófago “compreende a vida como devoração e a simboliza no rito antropofágico, que é comunhão.” (ANDRADE. 1995, pg.159) Então, é uma visão de mundo inclusiva.

Oswald acreditava que mantivemos no Brasil o espírito antropófago, capaz de transformar o adverso em favorável. As diferentes culturas e mitologias presentes entre nós, podem ser digeridas através da posição antropófaga do tupi-guarani. O processo de assimilação se dá através da aceitação desta posição, a qual implica num retorno ao matriarcado e à natureza, e assimilação tecnológica: pois o patriarcado desenvolveu o messianismo e a superioridade do espírito universal sobre a natureza transitória; e a tecnologia substituirá o trabalho escravo, dissolvendo a exploração do mundo dividido em classes.

A cultura antropófaga, então, é antes de tudo, apoiada na percepção e assimilação do diferente, pois “a alteridade é no Brasil um dos sinais remanescentes da cultura matriarcal.” (ANDRADE. 1995, pg.157) Algo diferente aconteceria na cultura patriarcal e seu ideal de civilidade, pois “na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e sentenças” (ANDRADE. 1995, pg.157).

Oswald assimilou a crítica de Nietzsche ao ideal de homem da cultura messiânica,

“preso na rede da civilização alexandrina, que conhece como ideal o homem teórico, equipado com os máximos poderes do conhecimento, trabalhando a serviço da ciência, cujo protótipo e ancestral é Sócrates (...) É em um sentido quase apavorante que aqui, por longo tempo, o homem culto só foi encontrado sob a forma do homem erudito.” (NIETZSCHE. 1996, pg.40)

Contra o homem teórico, Oswald chama a atenção para o homem brasileiro, entendido como o Homem Cordial, pois para o

“homem cordial, a vida em sociedade é uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se em si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo cada vez mais à sua parcela social, periférica, que no homem brasileiro – como bom americano – tende a ser o que mais importa. Ela é antes um viver nos outros.” (ANDRADE. 1995, pg.158)

Apesar de criticar as religiões messiânicas, Oswald chama a atenção para o que ele chama de experiência órfica. Sua abordagem, que propõe a imersão da consciência na

natureza, não implica em, necessariamente, abrir mão da experiência da fé e da magia. Diz ele:

“mesmo tendo da igreja a pior idéia, nunca deixei de manter em mim um profundo sentimento religioso, de que nunca tentei me libertar. A isso chamo eu hoje sentimento órfico. Penso que é uma dimensão do homem. Que dele ninguém foge e que não se conhece tribo indígena ou povo civilizado que não pague esse tributo ao mundo subterrâneo em que o homem mergulha.” (ANDRADE. 1995, pg. 56)

No Brasil religioso, o movimento Santo Daime parece corresponder a alguns aspectos do movimento antropófago proposto por Oswald de Andrade, como: não é apoiado na pregação e na persuasão, mas no efeito de uma bebida herdada dos índios – a ahuasca; o ritual envolve uma beberagem herdada dos índios que incorpora as diversas mitologias brasileiras; tem na natureza a força espiritual; foi fundada sob a determinação da Grande Mãe, a Rainha da Floresta; envolve movimentos de vida comunitária com ênfase na preservação das matas que ocupa.

Oswald de Andrade repudiou a filosofia, normas e prescrições morais das instituições religiosas, especialmente a cristã, na qual foi criado. No entanto, pare ele,

Deus existia e acabou-se! Existiam e agiam também os santos, Santos para tudo. Nas trovoadas, Santa Bárbara e São Jerônimo, esse terrível asceta da Idade Média. Santa Luzia para o mal dos olhos, Santa Clara contra a meteorologia, etc. Quando uma barata surgia no soalho, gritava-se por São Bento. São, Bento protegia contra as feras. Todo esse dicionário do totemismo órfico presidiu e explicou o mundo ante meus olhos infantis. (ANDRADE. 1995, pg.46)

Também diz: “o paganismo de certas festas religiosas enlevou longamente minha infância. (...) era tudo uma serie ininterrupta de músicas e cantos que deslumbravam os olhos num renovado espetáculo popular”. (ANDRADE. 1995, pg.28) Este imaginário todo é vivo na mitologia do Santo Daime, onde a Lua, Cristo, o Sol, o Vento, Maria, as Estrelas e os Santos convivem lado a lado, assimilando tradições da pajelança, do cristianismo, do candomblé e ainda outras.

*Jesus Cristo está no Céu
Está na terra e está no mar
A princesa Janaína
Ela veio pra me ensinar.*

O movimento Santo Daime, nasceu de uma visão que Mestre Irineu, um seringueiro analfabeto, teve dentro da floresta, depois de beber ahuasca. Ele viu a imagem de uma Deusa: a Rainha da Floresta, que identificou como a Virgem da Conceição. A sabedoria foi passada na forma de cantos, hinos, para nortear os encontros sob o efeito da bebida.

É uma experiência bastante apoiada na sensação corporal

*Estou nos teus pés
Estou na tua cabeça
Estou nos teus braços
Estou na tua mão esquerda
Eu mexo no teu estômago
Mexo no teu coração
Mexi na copa do mundo
Aonde está eu irmão*

Então, é uma religião nascida de uma Grande Mãe Natureza, que através de um preparado de plantas acolhe os homens na sua sabedoria.

*Eu venho da floresta
Com o meu canto de amor
Eu canto é com alegria
A Minha Mãe que me mandou*

O movimento religioso que começou com Mestre Irineu, continua com Padrinho Sebastião. Este, inicia um movimento de fundação de uma comunidade, que hoje é uma cidade na floresta chamada Céu do Mapiá. Esta cidade se destaca pela qualidade de vida, em comparação com as outras comunidades locais. Padrinho Sebastião foi levado a difundir o Santo Daime. Hoje, existe alguma igreja em praticamente todas as capitais brasileiras, e ainda outras no exterior. Uma das características destes núcleos é a preocupação em agrupar-se comunitariamente em áreas de mata. A natureza é, nesta doutrina, dotada de poder e digna de respeito e veneração.

*Sol, lua, estrela
A terra, o vento e o mar
É a Luz do Firmamento*

É só quem eu devo amar

Aqui, voltamos para Oswald, pois ele não vê nesta relação espiritual um estado de consciência primitiva, como propôs Freud, para o qual há correspondência entre

as fases de desenvolvimento da visão humana do universo e as fases do desenvolvimento libidinal do indivíduo. À fase animista corresponderia à narcisista, tanto cronologicamente quanto em seu conteúdo; à fase religiosa corresponderia a fase de escolha de objeto, cuja característica é a ligação da criança com os pais; enquanto que a fase científica encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio do prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos. (FREUD. 1914, pg.113)

Ao tratar da natureza e de suas forças, a experiência órfica, tal como a entende Oswald de Andrade e como encontra-se no Santo Daime, envolve um caminho não norteado na coerção teórica de uma razão independente. Mas uma experiência sob o efeito de um preparado de plantas, onde a sugestão de que “o espírito recusa-se a conceber o espírito sem corpo. Antropomorfismo. Necessidade de vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões do meridiano. E as inquisições exteriores”(ANDRADE. 1996, pg.48). Aqui, não se compreende uma existência autônoma, ontologicamente auto suficiente, mas uma existência que tem como condição não a essência, mas a comunicação, a partir da qual será constituído “o éthos do indivíduo no tempo do cotidiano comunitário (...) o ethos de um indivíduo é a maneira ou o jeito de agir, isto é, toda ação rotineira ou costumeira, que implica em contingência” (SODRÉ. 2002, pg.46).

À Mãe, é pedido:

*Oh! Mãe Celestial
Que me dê a salvação
E me bote em bom lugar.*

Gambini (1999) diz que o arquétipo da Grande Mãe está ligado ao espaço, e a mãe concede ao filho o sentido de um lugar no mundo. Por isso trata da importância de elaborarmos nossa mãe brasileira ancestral: a Mãe Índia. Mãe, porque o pai foi um europeu, português, pois nas caravelas primeiras não viajavam mulheres. A recuperação dos valores desta mãe nos ajudaria a nos localizarmos no Brasil, como brasileiros.

*A minha mãe foi quem me deu
Neste mundo este lugar
Peço força e dou força
E não saio do meu lugar*

Sob o efeito da bebida, sem o qual estes hinos perdem muito da sua força, experienciam-se uma espécie de afrouxamento do corpo. O álcool também dá esta sensação de desmanchamento, os antigos rituais dionisíacos eram embalados pelo efeito do vinho, cujo propósito era levar ao transe. Mas o álcool deixa a pessoa trôpega e com dificuldades de encontrar um novo eixo, provoca, com isso, a dissolução total do indivíduo. Por algum motivo que desconheço, a ahuasca favorece o encontro de um novo eixo mais confortável, que eles chamam de Firmeza. O desmanchamento pode vir acompanhado de emoções fortes, lembranças, catarses emocionais, reações como vômito e diarreia, intuições de sabedoria e entendimento, que são sucedidos por uma sensação de bem-estar. Muitas vezes descrita como “caí em mim”, o que nos leva a afirmar que o efeito da bebida não desfaz o sentido de posição.

O sentido de posição lembra o que disse Gilberto Felisberto Vasconcellos:

Vivemos em tempo e espaço alheios. O contorno da natureza nos escapa inteiramente. (...)O governo põe a culpa em São Pedro, que não deixa chover, assim como se responsabiliza equivocadamente o Sol como causa da seca, e não a devastação das florestas (...) Nosso índio tinha verdadeira adoração pelo Sol, enquanto os brasileiros idiotizados continuam a caluniá-lo... (VASCONCELLOS, 2002, pg.43)

Oswald de Andrade já reparou que somos “filhos do Sol, Mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas” (ANDRADE. 1995, pg.47). Vasconcellos também repara que

Evidentemente não basta ir à praia e curtir o astro rei. O lance é compreendê-lo como doador cósmico de energia, sem a qual não há vida na terra. (...) A razão primeira, como diz o samba popular, é o Sol. (...) Se o sol é o imenso reator energético, então a terra do sol passa a ser o locus por excelência da energia armazenada. De onde se conclui que o Brasil, o continente dos trópicos, é o lugar da energia verde. Energia vegetal. Terra da biomassa. Terra da energia. (VASCONCELLOS. 2002, pg.22)

O sol tem presença importante no santo Daime. Num dos hinos, por exemplo, é tratado assim:

*Se não existisse o sol
O que era da terra
O sol é quem me dá luz
E ilumina toda terra*

*O sol é um bom guia
Para quem quer aprender
Ouvindo o que ele diz
Todos podem vencer*

Edgar Morin diz que “não é possível escapar a esta idéia incrível: é desintegrando-se que o cosmo se organiza” (MORIN. 1997, pg.48). O corpo humano também oscila entre a estabilidade e a instabilidade, e a comunicação sintetiza continuamente a memória e a novidade.

*Eu balanço, eu balanço,
Eu balanço tudo enquanto há*

*Eu chamo o sol
Chamo a lua
E chamo a estrela
Para todos vir me acompanhar*

*Eu balanço, eu balanço
Eu balanço tudo enquanto há*

*Eu Chamo o vento
Chamo a terra
E chamo o mar
Para todos vir me acompanhar*

*Eu balanço, eu balanço
Eu balanço tudo enquanto há*

*Chamo o cipó
Chamo a folha
E chamo a água
Para unir e vir me amostrar*

Eu balanço, eu balanço

Eu balanço tudo enquanto há

Tenho prazer

Tenho força

E tenho tudo

Porque Deus eterno é quem me dá.

Na tradição ocidental, Oswald de Andrade vê afinidade entre o estoicismo e a visão de mundo do antropófago, quando diz que “procura-se na América levar às últimas conseqüências a concepção estóica do primitivo ante a morte, considerada ato de devoração pura, natural e necessária” (ANDRADE. 1995, pg.145). Os estóicos compreendem a integração com um princípio natural, em fluxo e em transformação. A habilidade, considerada a virtude maior, implica na aceitação do conflito, não na sua eliminação.

No sistema de Aristóteles a idéia de fim natural predominava e o seu ponto de vista é essencialmente o da transcendência. Tudo aspira no mundo ao acto puro, mas o acto puro não faz parte do mundo, portanto o fim da natureza é-lhe exterior. Os estóicos colocam-se no ponto de vista da imanência; a natureza tem o seu fim em si mesma; como o homem, Deus não é distinto do mundo. Os princípios do seu sistema levam-nos a reduzir o fim aos meios. (BAYER.1979, pg.71)

Não existe uma perfeição a ser repetida e perpetuada. Assim, os estóicos entendem que a consciência de viver com o mínimo “tratava-se, sobretudo, de se preparar para as privações eventuais descobrindo, finalmente, o quanto era fácil abster-se de tudo aquilo a que o hábito, a opinião, a educação, o cuidado com a reputação, o gosto pela ostentação nos tinha apegado” (FOUCAULT. 1985, Pg.64). Este desapego lembra o que se experimenta sob o efeito da bebida imerso naquele caldeirão órfico que envolve os rituais do Santo Daime, que eles chamam de humildade.

Essa visão de mundo que encontramos em Oswald e no ritual do Santo Daime nos leva à uma questão paralela, do Brasil e sua natureza tropical, num contexto em que

O que está em pauta hoje no mundo é a incontestável ruína de um paradigma civilizatório, dentro do qual irrompe o espectro do apocalipse ecológico, com o efeito estufa e a chuva ácida. Diante dessa realidade objetiva da biosfera, emerge no cenário contemporâneo a necessidade de um novo sistema energético, assentado nas energias renováveis, vegetais e limpas do ponto de vista ambiental (...) o norte é rico em dinheiro mas pobre em energia, enquanto o sul é pobre em dinheiro e milionário em energia. (VASCONCELLOS, 2002, pg.17)

O paradigma civilizatório é o mesmo que Oswald de Andrade entende como messiânico. Vasconcelos espanta-se com a dificuldade de os intelectuais brasileiros perceberem a situação do Brasil diante da crise da civilização que se apoia na energia do carvão mineral e do petróleo. Propõe a substituição destas pela energia da biomassa, “uma forma de energia limpa (não traz poluição), renovável, pacífica, criadora de empregos, descentralizadora de renda, de poder e de população.” (VASCONCELLOS. 2002, pg.11) Então, antes de mais nada, fala-se de um problema de percepção, de uma percepção deslocada, de um corpo alienado do ambiente e da natureza.

Ainda um outro aspecto antropófago do movimento cultural religioso do Santo Daime encontra-se num de seus mitos fundadores: Padrinho Sebastião teria travado uma luta de forças com o Diabo e este, sentindo-se fraco, pede acolhimento ao movimento, pede que o tolerem e o ajudem a transformar-se, em troca disso, ele lhes garante defesa e proteção. Esta estória equiivale ao processo de transformação do Tabu em Totem, “do valor oposto ao valor favorável” (ANDRADE. 1995, pg.101). Esta posição faz com que uma das tônicas do movimento seja “não falar mal um do outro, querendo caluniar”. Corresponde ao que Oswald entendeu com o que acontece quando

chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada dos pecados do catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos. (ANDRADE. 1995, pg.51)

O processo de comunicação envolvido nas idéias de Oswald de Andrade, com base na alteridade, sugerem um Brasil capaz de desenvolver uma sociedade com os valores tal como aparecem nos mitos da cultura popular envolvidos no Santo Daime, e na cultura acadêmica, tal como aparecem na escola da biomassa. Oswald há muito observou que

Temos a base dupla e presente – a floresta e a escola. A raça crédula e dualista a geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de “dorme nenê que o bicho vem pegá” e equações. Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil. (ANDRADE. 1995, pg.44)

Referências bibliográficas

ANDRADE, Oswald. *Um Homem Sem profissão – Sob as Ordens de Mamãe*. São Paulo: Globo, Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

ANDRADE, Oswald. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 1995.

ATLAN, Henry. *Entre o Cristal e a Fumaça*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GAMBINI, Roberto, e DIAS, Lucy. *Outros Quinhentos. Uma conversa sobre a alma Brasileira*. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

MORIN, Edgar. *O Método. A natureza da natureza*. Portugal: Publicações Europa América, 1997.

RUSSELL, J. B. *O Diabo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. Petrópolis, R. J: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Biomassa: a eterna energia do futuro*. São Paulo: Editora SENAC SP, 2002.